

50º Aniversário Natalício

De

António Lopes Nicolau



(1957 – 2007)

APRESENTA:

.....

.....



«As Três Vidas da Minha Vida»

Luanda, 12 de Maio de 2007

«As Três *Vidas* da Minha Vida»

Aos meus **filhos!**
Aos nossos filhos !!
Aos meus **irmãos !!!**

Aos nossos **companheiros !!!!**
Ao meu *primeiríssimo* **neto !!!!!**
Aos nossos **parentes e amigos !!!!!!**

O nosso pai que está no Céu, dizia que: «*a um de Janeiro, todos nós fazemos anos ... e depois é só completar*» !

É nesta ordem de ideia que a um de Janeiro do corrente ano me senti *cinquentinho*, de anos de idade a completar aos **doze-pra-treze de Maio**. E ainda *quentinho*, nove-fora, os trinta e um mais um (31+1) anos de angústia, de sofrimento interior e de trabalho profissional intenso - em prol da sociedade humana - resolvi brindar os meus mais próximos com alguns rascunhos de gratidão e ingratidão ao muito e ao pouco que me fizeram pra nascer, crescer e ser um homem-meio-século.

As palavras saiem e já não entram, voam (nuas) no e com o tempo, às vezes mantidas, outras vezes distorcidas. E como dizia o velho catequista: «*quem não sofre, não escreve*»!

Então, decidi escrever do pouco e do muito que me vai na alma, socorrendo-me dos escritos de outros *sofredores*, pois o quão é difícil agradar a gregos e troianos - quando se tornam mais fáceis o dedo em riste descobrir *pecadores*, recordando os velhos tempos onde tudo ou quase-tudo era proibido ou considerado *pecado* sem haver a preocupação de alguém explicar-nos o verdadeiro significado ou sentido da vida! Experimentem pegar nas profundezas dos **domínios do parentesco** em qualquer sociedade (das ditas civilizadas ou não) e procurem saber, por exemplo: *a origem da família* (...). São lembranças do imaginário que guardámos connosco e não cabem neste rascunho, que pretendemos abreviado.

Então, dizia um *sofredor* que «os anos vão passando, e nesse rodar incessante do tempo é inevitável que um dia paremos para ponderar a verdade assustadora que até aí ainda não nos ocorrera.

Inevitável, é como quem diz, porque entretidos que sempre andamos, a exaurir sofregamente as *benesses* desta nossa sociedade de faz-de-conta, digam lá com franqueza que motivos encontramos nós para reflectir, nem que seja por instantes, sobre os amanhãs que hão-de vir. Só quando o cansaço nos vence com as desilusões sofridas ou a idade já não nos deixa continuar a correr atrás de coisa (*alguma*), neste frenesim inútil (*vejam só!*) ... esgotamos as horas de (*acumulados*) ... dias, é que encontramos tempo ou razões para (*tudo*) ... imaginem, o que de (*mais*) ... elementar: só então nos demos conta que *a estrada que a vista alcança, à nossa frente, é mais curta* – inexoravelmente mais curta – *da que já deixámos para trás* (*ku tuá tundo vualeba, ku tuá muiá kuá buto kiá*)¹!

Acreditem que é então que começamos a olhar para o caminho andado. Uma olhadela que nos traz cenas duma vida que já foi; revisitando lugares a que possivelmente não voltaremos nunca jamais; rostos que a pouco e pouco se foram diluindo nos recessos do tempo; emoções que jamais se repetirão.

Umás vezes, as lembranças devolvem-nos vislumbrantes cores, cheiros, sabores e contactos que ainda nos tornam felizes. É quando regressamos por instantes às boas amizades que nos

¹ Escrita livre, na conversão proverbial *kimbundu*.

aconteceram, aos relacionamentos fugazes, mas intensos aos amores que aceleraram o ritmo dos nossos corações (*embora, ainda, não tenha chegado àquela idade em que se olha uma mulher bonita e vistosa da mesma forma que se admira uma bela peça de arte!*).

Mas há também recordações que nos trazem de volta situações menos felizes; algumas, penosas até. Rostos que nos arrependemos de ter conhecido. Pessoas com almas espantosamente feias, mas que o destino teimou em nos colocar no caminho.

Este retorno ao passado, viagem que fatalmente acaba por acontecer-nos com insistente frequência a partir de certa altura, é assim como um balanço que fazemos de muita vida apressadamente vivida e que subtilmente nos vem recordar que parte dessa nossa existência vivida a correr, é construída de **memórias**. É como se quiséssemos reter à força: casos, coisas, rostos e lugares que constituem, afinal, a história da nossa vida e que um dia, um pouco mais adiante, se apagarão para sempre, como se uma luz que se extingue definitivamente.

Forma geral, pela vida de todos nós, de mim, de vocês, meus filhos, meus irmãos, *meus parentes*, meus amigos, de todos que já atingiram a maturidade, passaram algumas coisas bonitas, raros momentos felizes ... Como (*numa sala de cinema*) num ecrã imaginário, vemos passar situações que muitas vezes sentimos pena de não poder repetir; vemos pessoas que amámos, parentes e amigos que estimámos sinceramente ... alguns que já não fazem parte deste mundo, mas que – estou certo – reencontraremos quando também nós partirmos para o outro lado da vida.

No entanto, há recordações que, se pudéssemos, de bom grado suprimíamos da memória. Há rostos que melhor seria não termos conhecido. Gente sórdida colocada no nosso caminho como a lembrar-nos que o mundo não é perfeito. Autores de acções e atitudes que a moral condena e que servem apenas para medir melhor o lado bom da vida. Esses, em franca minoria, serão para sempre o contraponto duma existência fugazmente feliz ... a vossa, e talvez a minha!

A pouco e pouco, no rodar incessante da vida, cumprida a nossa parte, outros tomarão o nosso lugar ... até que, por sua vez, sejam substituídos pelos que hão-de vir.

É então que ocorre essa verdade inquestionável: nada somos e nada representamos no revezar constante da existência. Antes de nós, milhões de milhões de seres humanos já cumpriram destinos. Depois de nós, outros milhões de milhões virão para cumprir os seus. E no meio disto tudo, francamente, quem somos nós? Bem vistas as coisas, qual terá sido, na vida que foi a nossa, a importância que julgamos ter ou tivemos?

... Até que nasçam outras gerações que nos consigam provar que o que acabo de *escrever/dizer* não passa duma exorbitância, insisto em afirmar que a importância que julgamos ter é sobretudo aquela que nos atribuímos por razões que aos outros escapam. Exceptuando um ou outro caso singular em que por inteligência excepcional somos ou fomos realmente úteis ao colectivo, tudo o que sobra é vaidade pessoal e um enorme apetite de protagonismo parolo»².

«Como se sente alguém que estuda, lê, se informa, se esforça para melhorar, para ser coerente, para ser correcto consigo e com os outros, quer evoluir mentalmente e fisicamente e fica (*refém*) dependente de pessoas que não desejam isso e pouco se esforçam para evoluir? ...

É muito importante cada um cuidar muito bem de si próprio, mas cuidar de si é também cuidar dos outros, é cuidar do colectivo (da família)...»³.

² Adaptado de www.eusou.com.pt/jornalista, Farinha/Luís.

³ Adaptado de Ribeiro/Valdemar, in JÁ (Jornal de Angola), de 13.08.06.

É bom viver num lugar onde é possível trabalhar em paz, com alegria, com prazer, colaborando coerentemente, sem medo de morrer numa esquina qualquer ... E este bom lugar é na Família e com a Família.

E o Nosso Caminho-Lema é, ... e será sempre: **DEUS e Família**.

De Deus, encarregam-se os ministros do culto e seus mais próximos seguidores para nos alimentarem da sua palavra, no caminho e nos termos que nos ensinaram os nossos progenitores.

Da Família, não à *Family* (*father and mother i love you*), mas sim à Família - na sua dimensão alargada - resultado dos esforços e forças da dádiva que o Senhor nos deu, por intermédio dos nossos antepassados.

Por fim (*tal e qual como no início*), um motivo forte e principal para continuar a viver, é e será sempre:

os meus **filhos!**

os nossos filhos !!

os meus **irmãos !!!**

os nossos **companheiros !!!!**

o(s) meu(s) **neto(s) !!!!!**

os nossos **parentes e amigos !!!!!!**

Assim, «**As Três Vidas da Minha Vida**», se resumem no seguinte:

- na **Vida-Negra** (resultado dos malefícios da vida, ainda por contar);
- na **Vida-Branca** (a memória esquecida, voluntária ou forçada); e,
- na **Vida-Mulata** (a boa-vida, que não temos)!

À Mãe, ao Pai, aos Manos e outros tantos bem-ditos parentes (que já partiram), que o Senhor os tenha na Sua Graça, pelo que nós vos suplicamos e rogamos a vossa intercepção para que o vosso bom exemplo, obra e nome se multipliquem por tempos e tempos longíquos, afastando da nossa senda os espinhos e outros empecilhos momentâneos (ombreados por minúsculos *vendedores de banha-de-jibóia*) - que a seu tempo se redimirão.

Damos Graças a **Deus**, pelo Meio-Século!!!

E agradecemos, mais uma vez, à **Família** e a todos que nos são queridos!

O CINQUENTINHO,
(v/ criado)

TONY (de Faria) NICOLAU
(Aprendiz de Contador de Estórias e
Mestre em Estudos Africanos)

A(fli)CCÃO

(Ensaio)⁴

Eu vejo às vezes!

Eu vejo às vezes, com os olhos de ver ...

Eu vejo às vezes, com os olhos de olhar ...

Eu vejo às vezes ...

Os **Kotas** sonhadores - *no esquecimento da vida!*

Os **Jovens** desiludidos - *pelo amanhã incerto!*

E as **Crianças** *deambulando - sem rumo!*

Eu vejo às vezes ...

Olhando sem ver; e

Ouvindo sem escutar! ...

Eu vejo às vezes ...

Da **a(fli)ccão**,

Resultar a **acção**,

Para terminar a **aflicção**.

Eu vejo às vezes! ...

O HINO DA VIDA

É *difícil*: crie facilidade!

É *penosa*: descontraí-te!

É *um desafio*: procure vencer!

É *complicada*: procure *descomplicar*!

(Fonte: Colégio da Iracema, em Lisboa, aos 06.08.99)

UMA PASSEATA NA «CASA EUROPEIA»

Aceite esta singela oferta do teu «*eleitorado*».

Com amizade e apreço.

ASSINA: *Lopes.Nicolau, em Lisboa, aos 06.08.99*

⁴ Do autor, ensaio feito em tempo de estudo em Lisboa, s/d. Recuperado e aumentado.